

PROTESTO QUE É UM APÊLO

Na Inglaterra, as reformas sociais, nos aspectos instantes da assistência, já encontraram um começo de realização, agora mais assegurada ainda pela subida dos trabalhistas ao poder. Entre nós, é o estendal lastimoso que Bourbon e Meneses, tanto com a sua inteligência como com o seu coração, aqui nos evoca, num quadro de confrangida e bárbara vergonha.

Ha dias, numa roda de amigos, como um dêles incidentalmente se referisse à admirável obra de reforma social com tão esclarecida e tenaz inspiração realizada na Bélgica por Vandervelde, logo o problema da assistência pública, aflorado apenas até então na nossa conversa, irrompeu nela empolgantemente, sugerindo-me, ali mesmo, a violenta necessidade de algumas palavras que não podem, já agora, ser apenas um desabafo, porque tem de ser, acima de tudo, um protesto e um apêlo. Se se disser — e eu não hesito em dizê-lo já — que a assistência à invalidez e à velhice desamparada, ao doente sem recursos, à criança e ao louco, pouco menos é ainda, em Portugal, do que um confrangedor simulacro, não se incorrerá, evidentemente, numa afirmação que péque por exagero sentimental. A organização é deficiente e quasi desumana à força de enleada em formalismos burocráticos: o pessoal dirigente, a despeito de uma ou outra excelente boa-vontade individual, inadequado: as dotações esqueléticas, para não dizer miseráveis, de tudo isto resultando que a miséria alastra dia a dia e com características mais do que inquietantes — angustiosas. Os manicómios estão repletos e, por todo o país, vadiando sob as vaías e as pedradas dos garôtos ou uivando nos cárceres das cadeias, há pobres loucos para quem não existe lugar nos hospitais de alienados.

Em Viana do Castelo, onde em fins de 914 exerci funções administrativas e policiais, fui insistentemente solicitado por uma pobre mulher para ir ver, em sua casa, acorçada e nua ao canto de uma alcôva, sobre um monte de palha, uma rapa-

riga demente que ali se encontrava havia já tal vez dois anos.

Requeri, de balde, o seu internamento no Hospital do Conde de Ferreira, do Porto. Não havia lá lugar para ela. E' capaz de ainda lá estar.

E ainda ha mezes, mais uma vez a imprensa de Lisboa estranhou e verberou o facto — aliaz já repetido — de nos calabouços do Gôvêrno Civil permanecerem por vezes, dias e semanas, desgraçados dementes, alguns dos quais furiosos, no mais descaroável desconforto e promiscuidade. A assistência hospitalar aos enfermos pobres dava igualmente matéria para um volume muito rico em informações que não poderiam deixar de ir até o trágico e às quais tambem não faltaria — porque, como dizia Camilo, toda a tragédia tem o seu reverso cómico — farto tempêro de pitorêsko. O hospital de S. José... Adiante. No do Desterro, lúgubre depósito de pústulas humanas, faz prodígios a devoção benemerente de Melo Breyner — mas os recursos faltam: E há um índice que arripia e constitue um dos mais vergonhosos aspectos do nosso atrazo: o da mortalidade infantil que — frisou-o recentemente, em conferência pública, o prof. Costa Sacadura — em nenhum país da Europa é tão elevado como em Portugal. Na própria Turquia é menor. Mas não é tudo ainda. Ha pior. Duvidam? Não duvidem. Ha pior. A mendicidade e a prostituição crescem sob modalidades verdadeiramente lancinantes — a prostituição infantil e a mendicidade explorada como uma indústria. Assim mesmo! Como uma indústria. Uma criancinha ao colo ou posta a um recanto de rua, cega ou com as perni-

tas torcidas, fere o coração — e rende. Pois bem! Em varios pontos do país há verdadeiras fabricas de aleijadinhos — e até de cegos! Mangualde — garantiram'o outro dia — é um dêles. Lisboa, outro. E que se faz para que isto tenha um remédio? Não sei. O que sei, porque m'o disseram tambem, é que há em Lisboa, ali a dois passos do Rossio, quasi no Rossio, um prostibulo de crianças, — e que a dona do antro, a contas recentemente com a polícia, ficou a salvo de qualquer incómodo de maior porque logo acudiu por ela um respeitável cavalheiro que já foi três vezes ministro e, pelos modos, não passa dum sócio comercial da proxeneta. O que sei é que os homens de coração teem de se unir contra esta onda espectral de horrores que, como uma torrente, avança, alaga e, como uma trágica e horrível maldição, projecta já sobre a agasalhada inocência de nossos filhos a sua sinistra *jetatura*. Tenho um garotito. Os senhores sabem o que é ter um garotito e tremer, à beira da caminha mole e quente onde êle dorme, ao pensar nos pequenos que só teem frio e fome para se entreter? Eu sei! Eu sei! Mas não saberia muito se soubesse só isso. Sei também que o Instituto de Seguros Sociais é um *bluff* colossal — menos para os comensais que ali tasquinham — e que o

sr. Souto Maior fechou o ano findo com 18.000 contos de lucros...

BOURBON E MENESES.

P. S. — ...Mas não serão, afinal, todas estas considerações pura e desprezível *sensiblerie*? Talvez. E' possível que quem está na razão e na verdade sejam os que não cuidam destas frivolidades e só apaixonadamente discutem se o sr. Pires, no meado escrivão de fazenda para Alcains, já votava no dr. Afonso Costa em 1910 ou se o boticário Anacleto, arvorado em inspector das Escolas Primárias Superiores, fazia, efectivamente, parte, aí pelas alturas da pedra lascada, do Centro Republicano Democrático Constituição e Harmonia. Não há dúvida! Questões de pezo — estas. O resto — trêtas. Deve ser assim. — B. E M.



LEONARDO COIMBRA

O sr. Leonardo Coimbra teve a amabilidade de nos comunicar que houve inexactidões na entrevista concedida por sua Ex.^a ao *Diário de Lisboa* e a que fizemos referência há dois números. Escreveu nêsse sentido à redacção dêste jornal, mas a rectificação não chegou a ser inserta. Folgamos muito com as explicações do ilustre professor.

MANDAMENTOS DO DESPORTISTA

1. Não te julgues vencido, sem ter feito o máximo para vencer leal e honradamente;
2. Aprende o mais difficil do jôgo, que é «saber perder»;
3. Se perderes, culpa-te a ti, e não às circunstâncias e aos outros;
4. Aceita a derrota com serenidade e recebe a vitória sem orgulho;
5. Nunca peças «partidos» excessivos;
6. Não faças pouco do adversário, nem exageres as próprias fôrças;
7. Nos jogos colectivos, cuida da glória do teu grupo, e não na da tua pessoa;
8. Dispõe-te antes a conceder, do que a disputar ao adversário o benefício de qualquer dúvida;
9. Nunca esqueças que o que por si próprio verdadeiramente vale é o despôrto: vitória ou derrota contam apenas como pormenores secundários;
10. Pratica o despôrto leal e honradamente, e ganharás sempre, ainda que percas.

Adaptação do inglês, por AGOSTINHO DE CAMPOS